

Mídia e racismo: Ideologias e discursos

Ricardo Luiz da Silva Fernandes¹

Retendemos no presente artigo abordar as relações entre a mídia e o racismo. Sabemos que a imprensa e os demais meios de comunicação colaboram para um comportamento segregacionista. No cotidiano, na mídia e na sociedade como todo, percebemos preconceitos apesar de sabermos que o «racismo, discriminação racial, xenofobia e intolerância correlata constituem a negação dos propósitos e princípios da Carta das Nações Unidas» (Fundação Cultural Palmares, 2002: 5).

Devemos ir além das conclusões diretas para identificar os mecanismos de produção de um determinado posicionamento frente às relações raciais. Levando em conta, que uma ideologia é tecida de maneira complexa e distante de simples generalizações.

As produções da mídia apresentam em seu conteúdo elementos que visam assegurar um posicionamento frente ao racismo, podemos dizer que não são apenas textos informativos, mas que incidem diretamente sobre a moralidade social. Afirmamos que:

a linguagem detém um papel crucial na reprodução do racismo. Isso equivale a dizer, primeiramente, que a linguagem opera na construção do racismo, ou seja, ela desempenha um papel ativo na forma como o racismo se constitui, daí porque podemos falar em uma dimensão discursiva do racismo (Martins, 2005: 188).

Assim, num primeiro momento apresentaremos dados sobre o modo como a imprensa aborda o racismo na Inglaterra, Espanha e em Portugal. Os sujeitos alvo de posicionamentos preconceituosos, a imagem produzida e como a diferença étnica é abordada nos textos.

Em seguida, dissertaremos acerca do discurso na elaboração de uma identidade ideológica perante a diferença do outro. Pois, «os discursos, as relações de poder e o contexto histórico na construção das identidades sociais e culturais são considerados fatores essenciais» (Guareschi, 2002: 57). O discurso midiático juntamente com demais canais discursivos (religioso, político, familiar e outros) são responsáveis por elaborar significados frente à figura pertencente à outra identidade cultural.

Dividimos assim, esse trabalho em duas partes, uma de apresentação do panorama da mídia em relação aos negros e imigrantes e em seguida, debateremos o papel discursivo dos meios de comunicação.

¹ Pedagogo

Mídia: As imagens do outro

Dissertaremos abaixo de modo elementar sobre estudos que debatem o modo como a mídia elabora seus textos sociais sobre as questões relativas às minorias étnicas e raciais em contexto europeu. Mas, especificamente, apresentaremos a temática em Inglaterra, Espanha e Portugal.

Willy Junior (2006: 36) apresenta um levantamento histórico da segregação dos negros na imprensa inglesa, onde numa primeira etapa a incidência das notícias foi protagonizada pelos crimes realizados por gangues negros e que colaboram para a segmentação étnica e em conflitos raciais². Assim, a imagem dos negros na Inglaterra passou a ser associada aos crimes e, desse modo, foi enraizada na sociedade.

Tal imagem foi delegada aos negros durante varias décadas e começam a ser invertidas com a injeção de negros no corpo editorial dos jornais ingleses. Assim, com essa nova geração de jornalistas, o posicionamento da mídia tem sido aos poucos modificado e uma imagem diferenciada dos negros pode ser observada.

Já em Espanha, prevaleceu à imagem do imigrante ilegal que atravessa em pequenas embarcações rumo a Europa. Assim, as notícias eram alimentadas com naufrágios e capturas desses grupos, não havendo um debate aprofundado sobre as causas de fluxo de migração «facto que denuncia uma posição desprestigiada do imigrante e das questões vinculadas à imigração nos agendamentos e também nas rotinas produtivas dos veículos de comunicação social do país» (Junior, 2006: 38).

Essa imagem dos sujeitos em estado deplorável leva a sociedade a criar uma repulsa perante os atos de imigração e uma segregação desses sujeitos, deixando de lado os fatores sociais que estão inseridos nesse processo. As desigualdades sociais são deixadas de lado nas notícias, apenas uma visão vitimista e territorialista é marcada por meio da notificação da prisão desses indivíduos e da valorização de operações policiais para evitar a entrada em território espanhol.

Em Portugal, Cádima (2006) realiza um estudo das representações sociais dos imigrantes na mídia imprensa e evidencia o poder de acessibilidade que tal mecanismo possui frente à sociedade portuguesa. Pois, «A visibilidade proporcionada pelos *media* sobre esta temática não pode, seguramente, deixar de marcar as representações e as imagens que os portugueses têm acerca da

² «A chamada “juventude negra de 20 e poucos anos”, para além de sofrer os constrangimentos típicos de uma sociedade cada vez mais restritiva em termos de políticas de imigração e de integração, passa a responder socialmente – e, em alguns casos, até judicialmente – por alterações ideológicas promovidas pela comunicação social inglesa junto das suas audiências, que sensibilizadas em relação a uma suposta «escalada da violência», são levadas a assimilar a imagem do Outro enquanto ameaça» (Willy Junior, 2008:36).

imigração e dos imigrantes da sociedade portuguesa, bem como sobre a actuação política neste sector» (Cádiz, 2006:25).

Numa organização estatística a nível nacional (Cádiz 2006) da incidência de notícias sobre imigrantes, em primeiro lugar o autor encontrou os «Delitos»³ cometidos pelos grupos minoritários e suas tentativas de quebrar a ordem social portuguesa (12, 2%), o que viabiliza uma rotulação desses grupos e a identificação dos mesmos como responsáveis pelas crises sociais em território Português.

Fortalecendo assim, o mito de que os crimes cometidos no território nacional são ocasionados por imigrantes. Gerando a segregação social por meio de uma imagem dos imigrantes associada à criminalidade.

Em segundo lugar, foi identificado «Acolhimento (8,5%)» (Cádiz 2006) desses sujeitos pelos serviços de integração nacional e as políticas de inserção social. Sendo por um lado, uma forma de informação para os imigrantes que vivem na ilegalidade e na possibilidade de evitar a proliferação de trabalhos ilegais e com características escravistas. E, por outro, uma tentativa de reforçar a vulnerabilidade social desses grupos e na necessidade de políticas intervenção do estado Português, o que pode levar a sociedade a refletir sobre os custos desses sujeitos para os cofres do estado, omitindo assim, as altas taxas cobradas pelos serviços de estrangeiros para a inserção dos imigrantes enquanto cidadãos.

Os demais assuntos são «em terceiro e quarto lugares, o tratamento dos temas “Convivência” (5,6%) e “Exploração e máfias” (5,6%), seguidos pela “Luta contra as máfias, exploração e tráfico ilegal” (5,1%)» (Cádiz, 2006: 45), deixando de lado assuntos relativos à cultura, história e das possibilidades de enriquecimentos culturais que uma convivência multiétnica pode trazer.

As contribuições dos imigrantes para a sociedade portuguesa não é relatada nesses textos. A importância da mão-de-obra qualificada imigrante não é assunto que possui valorização, ou ainda, as questões emergentes com o pós-colonialismo e as demandas das ex-colônias portuguesas, evidenciando uma postura contra a imigração e de fortalecimento de uma sociedade segmentada.

No que tange o racismo e xenofobia é evidenciado que «as notícias relacionadas são protagonizadas pelos “imigrantes africanos”, “imigrantes” e “ciganos” em ordem decrescente» (Cádiz, 2006:48). Tal fator é justificado historicamente pela colonização dos países africanos e, sobretudo, pela empresa escravagista da monarquia portuguesa, acompanhado ainda por tendências globais e históricas de segregação desse grupo étnico.

³ «Com efeito são salientados os problemas que estas comunidades têm com a justiça, muitas vezes sem qualquer contextualização sobre a criminalidade em Portugal, por exemplo, ou sobre o motivo do aparecimento de certos focos de marginalidade contribuindo para o reforço, junto da opinião pública, dos fantasmas associados aos imigrantes e ao estrangeiro» (Cádiz, 2006: 54).

De acordo com Manuela Cunha (1994), o conceito de racismo tem sua gênese nos estudos poligenistas que afirmavam as distinções fenotípicas como fatores relevantes para a composição intelectual dos seres humanos, «esta perspectiva hierarquizadora fundava-se na pressuposta existência de uma equação “natural” entre aparência física e aptidões. Mas, há muito que esta equação caiu em descrédito» Manuela Cunha (1994:4).

Mesmo assim, tal posicionamento foi absorvido pelo senso-comum e ainda se manifesta na sociedade. A cor da pele e as características físicas ainda são fatores de separação social, não mais como um fator científico, emergindo agora, como um elemento de categorização nas relações sociais.

Tais notícias reproduzem o senso-comum sobre a diversidade étnica e reforçam o posicionamento xenófobo construído historicamente. A mídia é um dos elementos de afirmação ideológica que evidencia uma postura de grupo. Mas, a mesma, depende da historicidade sócio-cultural para remodelar seus valores enquanto grupo ideológico.

Mídia, ideologia e discurso

Devemos dizer que um discurso em si assume múltiplas formas para além de seu lugar físico e estático. Um texto é submetido a uma realidade, a concepções e valorações. Para tal, dizer que o racismo é algo inexistente seria algo leviano que não levaria em conta as demais questões emergentes do contexto social. Para afirmar tal questão, podemos dizer que «"Raça" é uma categoria social» (Marques, 2007:66) e como tal apresenta uma multiplicação representativa e é elaborada a partir de um amplo conjunto de valores.

Assim, abordaremos no presente tópico a semiótica do discurso e a função social da palavra na elaboração de signos. Para apresentar a construção de discursos da mídia e do caráter social dos mesmos. Podemos dizer que culturalmente somos educados sobre determinados conjuntos de significados, considerações que são historicamente definidas e que determinam nosso lugar enquanto membros de um grupo.

Sabemos que o racismo é um comportamento enraizado na humanidade e que sofre remodelações constantes no que tange posicionamentos. Validado pela moral e a ética ou visualizado sobre a égide do comportamento «politicamente correto» nossa sociedade ainda terá de conviver com discriminações.

O valor do discurso e o conjunto de signos presentes no mesmo são justificados na construção ideológica, que irá determinar se um conteúdo deve ou não formatar um posicionamento perante a sociedade. A mídia faz parte dessa construção ideológica por meio das idéias que afirmam sobre grupos étnicos.

Devemos evidenciar que uma notícia de jornal e seu corpo textual deve ser submetido a um conjunto de signos socialmente estabelecidos em parceria com a realidade. Os sujeitos decifram uma mensagem utilizando suas

concepções culturais historicamente construídas e modificadas para incutir um determinado significado: «Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia» (Bakhtin, 1999: 11).

Dizemos então, que para responder a questão presente no referido trabalho é relevante levar em conta as construções semióticas: dos jornalistas, dos cidadãos e das interações dos dois grupos enquanto membros da sociedade. A ideologia presente no texto está submetida aos conjuntos de signos que se intercalam na produção de significações culturais.

Para compreender o racismo num determinado texto é necessário visualizar o contexto de tal produção e os códigos sociais que ali estão inseridos. Para que tal posicionamento seja decifrado pelos leitores é necessária a submissão dos mesmos aos valores coletivos que envolvem essa temática.

Tal afirmação é ainda mais complexa, levando em conta, a multiplicidade de teias discursivas que esses sujeitos estão inseridos. Percebemos que a imprensa é participante das elaborações de idéias e posicionamentos racistas. Como mecanismos importantes para a comunicação social e a efetivação de posicionamentos ideológicos. Mas que está submetida ao rompimento do pensamento individual em detrimento da construção de «fenômenos ideológicos»⁴.

A imprensa é um canal discurso que deve ser compreendido em parceria com as interlocuções cotidianas rumo à afirmação de um posicionamento social. Desse modo, podemos dizer que tal discurso é produzido dentro de um conjunto de valores. Poderíamos dizer que existe um debate social para afirmar uma tomada de consciência?

Tal debate é encenado internamente e leva em conta a historicidade dos sujeitos e todos seus processos educativos. A leitura de uma nota de jornal convida uma série de fatores que estão incluídos no contexto de «interação social» e psicológico. Poderíamos dizer então, que a mensagem é enviada, mas as respostas são diferentes em cada grupo de leitores.

O texto do jornal ou uma determinada notícia é um texto primeiro, que precisa ser comentado pela sociedade para produzir um valor social e viabilizar apresentação dos sentidos nele presentes: «O comentário, ao dar conta das circunstâncias do discurso, exorciza o acaso do discurso: em relação ao texto, ele permite dizer outra coisa, mas com a condição de que seja esse mesmo texto a ser dito e de certa forma realizado» (Foucault, 1971: 7).

Assim, «A consciência só se torna consciência quando se impregna de conteúdo ideológico (semiótico) e, conseqüentemente, somente no processo

⁴ Preliminarmente, portanto, separando os fenômenos ideológicos da consciência individual nós os ligamos às condições e às formas da comunicação social. A existência do signo nada mais é do que a materialização dessa comunicação. E nisso que consiste a natureza de todos os signos ideológicos (Bakhtin, 1999, 21).

de interação social» (Bakhtin, 1999: 18) que um comportamento pode ser formulado perante o conteúdo. Um posicionamento dito racista é legitimado por membros da sociedade que os compreendem e os validam como representante de seus posicionamentos coletivos. Isso é justificado pela semiótica do presente grupo que buscará legitimar e afirmar seus valores.

Podemos dizer então, com base na afirmação acima dizer que a imprensa é imparcial e que não determina comportamentos racistas? Como parte integrante da comunicação social e da interação dialógica dos sujeitos à mídia faz parte do conjunto semiótico juntamente a outros fatores determinantes. Por isso, não podemos afirmar sua imparcialidade.

Um jornalista que emite uma dada notícia é moldado por seus conjuntos de valores e irá representar enquanto comunicador uma visão que valide seu pertencimento no grupo social. Sua visão é ideológica e deve respeitar os códigos pré-estabelecidos nas relações interpessoais.

Considerações finais

Sabemos que depois do Holocausto o conceito de raça deixou de ser utilizado visando afirmação da Humanidade. Mas, nas relações cotidianas, o racismo ainda se faz presente, e, atos de afirmação da superioridade ainda são manifestados. Mesmo sendo «politicamente correto» aceitar as diferenças culturais e negar a separação por «raças», o preconceito passa para o particular do outro.

Quando o racismo deixa de ser fundamentado na cor da pele/tamanho do crânio para um direcionamento cultural (Marques, 2007; Martins, 2005) são investidos valores de afirmação da inferioridade. A «natureza» inferior é mantida, e, sobretudo, os preceitos ideológicos de separação fundados nesse prisma, por exemplo, na afirmação dos imigrantes como responsáveis pela violência e crimes, dos africanos como opressores das mulheres e entre outros grupos culturais que são declarados como «errados» perante o paradigma cultural ocidental.

No tocante a essas segregações, podemos dizer que a mídia exerce o papel de mitificar esses grupos respondendo aos paradigmas sociais que buscam mecanismos de afirmação de identidades nacionais. A mídia representa o discurso da sociedade, um posicionamento coletivo definido historicamente que marca lugares de separação étnica.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. (1999). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 9.º ed. São Paulo: Hucitec.

CÁDIMA, Francismo Rui. (2003). *Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas na imprensa*. Lisboa: Obercom.

FILHO, Willy S. (2008). *Imagem do imigrante brasileiro no jornalismo televisivo português 2004-2006*. Lisboa: ACIDI.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES/MINC. (2002). *Declaração e plano de ação da 3ª Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata*. Brasília: Fundação Cultural Palmares/MinC.

FOUCAULT. (1971). *A ordem do discurso*. Paris: Gallimard.

ROSO, Adriane; STREY, Marlene Neves; GUARESCHI, Pedrinho and BUENO, Sandra M. Nora. (2002). *Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero*. *Psicol. Soc.* [online]. vol.14, n.2 [cited 2009-06-04], pp. 74-94. Available from: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-71822002000200005&lng=en&nrm=iso>. ISSN 0102-7182. doi: 10.1590/S0102-71822002000200005.

MARQUES, João Filipe. (2007). *Do “não racismo” português aos dois racismos dos portugueses*. Lisboa: ACIDI.

MARTINS, André Ricardo Nunes (2007). *Racismo e Imprensa: argumentação no discurso sobre as cotas para negros nas universidades*. Brasília: Coleção educação para todos/Ministério da educação.